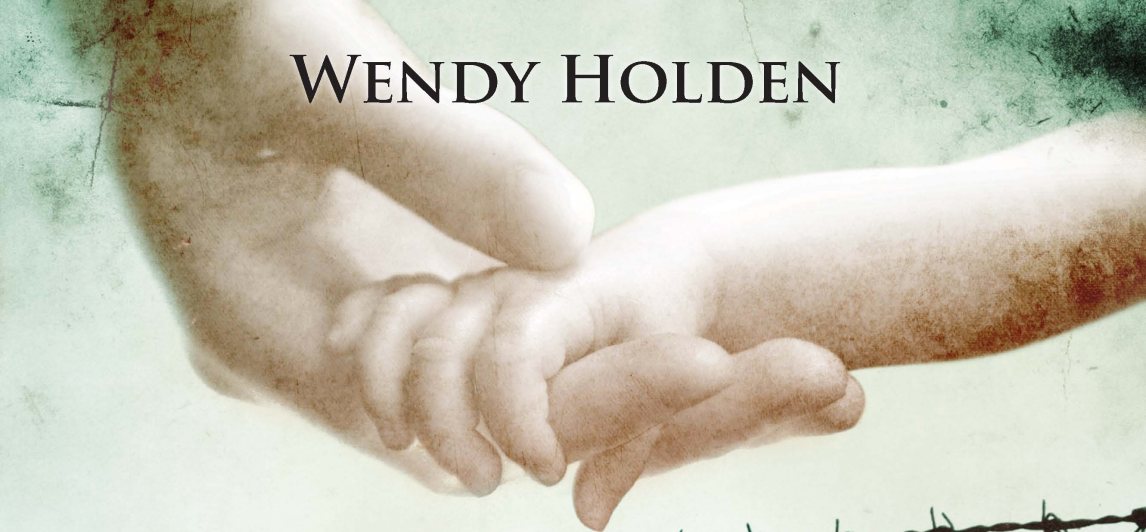




WENDY HOLDEN



# OS BEBÉS de AUSCHWITZ

Nascidos para Sobreviver



A história extraordinária da coragem e resiliência  
de três mães e dos seus filhos nascidos em campos de concentração nazis



v o g a i s

«Por vezes, o simples fato de viver é,  
por si só, um ato de coragem.»

Sêneca

*Este livro é dedicado à coragem e tenacidade  
de três mães e aos seus filhos, que nasceram num  
mundo que não queria que eles existissem.*

Três mulheres grávidas.

Três casais que rezavam por um futuro melhor.

Três bebês nascidos em circunstâncias inimagináveis, com intervalos de semanas entre si.

Quando nasceram, os bebês pesavam menos de 1,36 quilos cada, e os seus pais haviam sido assassinados pelos nazis, enquanto as suas mães, enclausuradas no mesmo campo de concentração, se haviam transformado em «esqueletos andantes».

Incrivelmente, as três mulheres conseguiram sobreviver.

Contra todas as expetativas, os filhos também.

Setenta anos depois, estes «irmãos de coração» juntaram-se pela primeira vez para contar as histórias admiráveis das suas mães, que desafiaram a morte para lhes dar vida.

**NASCIDOS PARA SOBREVIVER, TODOS ELES.**

# Índice

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| <i>Prefácio</i>              | 15  |
| 1. Priska                    | 17  |
| 2. Rachel                    | 53  |
| 3. Anka                      | 92  |
| 4. Auschwitz II-Birkenau     | 143 |
| 5. Freiberg                  | 188 |
| 6. O Comboio                 | 235 |
| 7. Mauthausen                | 270 |
| 8. Libertação                | 303 |
| 9. Regresso a Casa           | 332 |
| 10. Reunião                  | 380 |
| <i>Nomes</i>                 | 394 |
| <i>Bibliografia e fontes</i> | 396 |
| <i>Agradecimentos</i>        | 403 |
| <i>Créditos Fotográficos</i> | 411 |





As HISTÓRIAS destas sobreviventes foram cuidadosamente urdidas a partir das recordações que estas deixaram sob a forma de carta, ou a partir dos relatos que partilharam em privado com as suas famílias, ou de declarações que deram a investigadores e historiadores ao longo dos anos. Estas recordações foram reforçadas com recurso a uma cuidadosa investigação e a testemunhos de outros (mortos e vivos).

Sempre que foi possível, estas memórias foram corroboradas por testemunhas independentes, material de arquivo e registos históricos. Nos casos em que determinados detalhes ou conversas não eram passíveis de ser confirmados por testemunhos diretos, ou quando certas histórias foram repetidas apenas com ligeiras variações ao longo dos anos, optou-se por sintetizá-las, recorrendo à informação disponível, pelo que outros poderão ter versões diferentes das mesmas.

## Prefácio

**E**stamos em dívida para com Wendy Holden, pela sua extraordinária empatia para com as nossas mães e pela inesgotável energia que pôs no processo de rastrear as suas vidas, passo a passo, ao longo da experiência de guerra delas. Ao fazê-lo, a Wendy não apenas nos ofereceu informação até aí desconhecida, como nos aproximou, a nós, os três «bebés», unindo-nos ainda mais como «irmãos», e por isso lhe estaremos sempre gratos.

Também damos graças à Wendy pela sua pesquisa demonstrar quão altruísta foi a postura dos cidadãos checos de Horní Bříza, que fizeram os possíveis e os impossíveis de modo a alimentar e vestir as nossas mães e os prisioneiros de outros dois campos no «comboio da morte» para o campo de concentração de Mauthausen. E ainda hoje admiramos a tenacidade, diligência e perícia com que Wendy seguiu o trilho e descreveu os esforços dos membros da 11.<sup>a</sup> Divisão Armada do 3.º Exército Americano, que foi nuclear na libertação de Mauthausen, que deu às nossas mães — e a nós — uma segunda chance de viver.

As nossas mães sentir-se-iam, decerto, felizes por verem, ao fim de todos estes anos, as suas histórias serem finalmente contadas por completo neste livro espantoso — que, quis a fortuna, pôde

completar-se a tempo de assinalar o nosso septuagésimo aniversário, bem como o do fim da guerra — e que dedica um terço do seu espaço a cada uma.

Agradecemos à Wendy — a nossa nova e honorária irmã — em nome daqueles que, como nós, nasceram num regime que planeava matar-nos, mas cujo destino é, agora, o de serem os últimos sobreviventes do Holocausto.

*Hana Berner Moran, Mark Olsky e Eva Clarke, 2015*

# 1

## Priska



Bilhete de identidade de Priska Löwenbeinová

«**S**ind Sie schwanger, fesche Frau?» (*Está grávida, ó bonita-nha?*) A pergunta feita a Priska Löwenbeinová veio acompanhada de um sorriso, enquanto o inquisidor das SS, de pernas afastadas, a mirava de cima a baixo com o fascínio de um médico forense.

O dr. Josef Mengele estacara em frente à professora eslovaca de vinte e oito anos que, escassas horas após chegar ao campo de concentração de Auschwitz II-Birkenau, tremia, nua e envergonhada, na zona ampla e aberta das paradas do campo. Estávamos em outubro de 1944.

Priska, que media pouco mais de metro e meio, parecia mais nova do que era. Estava rodeada por cerca de quinhentas mulheres igualmente nuas, que, com uma ou outra exceção, não se conheciam entre si. Eram todas judias — e, como ela, deram por si num estado de estupor, ao chegarem ao campo de concentração na Polónia ocupada, após terem sido arrancadas de casa (ou de guetos espalhados pela Europa) e transportadas em comboios selados de mercadorias, que chegavam a ter cinquenta e cinco carruagens e aos sessenta judeus em cada uma delas.

Desde o momento em que emergiram, sôfregos de ar, dos comboios para a famosa rampa dos caminhos de ferro no coração do mais eficiente complexo nazi de extermínio, mais conhecido por Auschwitz, que haviam sido atacados por gritos vindos de todos os lados: «Raus!» (Saiam daqui!) ou «Schnell, juden schwein!» (Despacha-te, porco judeu!).

Por entre a confusão e o alvoroço, aquela onda de humanidade foi conduzida como gado por prisioneiros-funcionários vestidos em uniformes imundos às riscas, que empurrava a onda ao longo do terreno pesado, enquanto as oficiais SS, em uniformes impecáveis, seguravam por trelas cada vez mais tensas os seus cães de ataque. Não havia tempo para procurar entes queridos — os homens eram rapidamente separados das mulheres e as crianças atiradas para uma fila, juntamente com os velhos e os doentes.

Os indivíduos demasiado fracos para permanecerem em pé, ou cujos membros tivessem ficado hirtos à conta de estarem esmagados durante dias numa carruagem sem ar, eram chicoteados ou picados com espingardas. Gritos de partir o coração atravessavam, como aves de mau agoiro, o ar húmido: «As minhas crianças! Os meus bebês!»

Ao fundo das longas colunas formadas pelos despojados havia um par de edifícios baixos, em tijolo vermelho, dos quais se erguiam duas imensas chaminés que cuspiam fumo preto e oleoso para o céu plúmbeo. Um cheiro pútrido e nauseabundo trespassava a atmosfera cinzenta e densa, assaltando os narizes e atacando as gargantas.

*Hordas de mulheres, cujas idades iam da pré-adolescência à casa dos cinquenta, eram apartadas de familiares e amigos, e afuniladas num corredor estreito e ladeado por cercas elétricas, semelhantes à que rodeava o vasto campo de concentração.*

*Chocadas ao ponto de não conseguirem falar, tropeçavam umas nas outras à medida que iam deixando para trás as chaminés e eram guiadas pelas orlas de vários lagos fundos na direção de um edifício largo e de um só andar, escondido entre bétulas — a Sauna, ou casa de banho, que servia de recepção.*

*Era ali que, sem cerimónias, eram iniciadas na vida de «Häftling» (prisioneiras) de um campo de concentração, um processo que começava pela renúncia (forçada) a quaisquer posses que ainda tivessem consigo, e pelo despojamento de todas as suas roupas. Quando protestavam — o que produzia um clamor de linguagens diferentes, visto não terem uma língua comum a todas —, eram espancadas ou intimidadas por guardas SS com espingardas, até capitularem.*

*Estas mães, filhas, esposas e irmãs eram então encarreiradas, nuas, na direção de um corredor largo, que dava para uma câmara ainda mais ampla, onde quase todas viam praticamente cada pelo dos seus corpos ser arrancado à bruta por prisioneiros e prisioneiras, enquanto os guardas alemães olhavam de soslaio.*

*Em grupos de cinco, mal se reconhecendo umas às outras após as máquinas de barbear terem feito o seu trabalho, eram atiradas para a rua, para a zona de chamada, onde ficavam, de pés descalços sobre argila húmida e fria, mais de uma hora à espera, antes de enfrentarem o segundo processo de «Selektion», conduzido pelo homem que mais tarde viria a ser conhecido por «Anjo da Morte».*

*Impecavelmente vestido no seu uniforme verde-cinza justo, de divisas reluzentes e colarinho ornado com caveiras de prata, o dr. Mengele segurava nas mãos um par de luvas de couro claro e punho largo, que ia fazendo saltitar, banalmente, de uma mão para a outra, enquanto, de cabelo imaculado e puxado para trás com brilhantina, percorria as filas de mulheres, por forma a inspecionar as prisioneiras e — mais especificamente — saber se alguma estava grávida.*

*Quando chegou a sua vez, Priska Löwenbeinová teve apenas uns segundos para decidir como responder ao oficial sorridente com uma falha*

nos dentes. Não hesitou. Abanando rapidamente a cabeça, a especialista em línguas respondeu em alemão: «Nein.»

Por essa altura estava grávida de dois meses de uma filha (um desejo de longa data de Priska e do seu marido, Tibor, que ela esperava que estivesse algures naquele campo), mas não fazia ideia se dizer a verdade a salvaria ou a condenaria, bem como à sua criança, a um destino desconhecido. Sabia, no entanto, que estava em perigo. Com um braço a tapar-lhe os seios, enquanto o outro cobria o que restava dos seus pelos púbicos, rezou para que Mengele acreditasse na sua resposta convicta. O oficial das SS, de face delicada, parou por um segundo para mirar o rosto da «forsche Frau» e depois passou à prisioneira seguinte.

Três mulheres à frente, Mengele apertou bruscamente o seio de uma prisioneira, que de imediato recuou. Quando umas gotas de leite no seio desta denunciaram que estava grávida de pelo menos dezasseis semanas, Mengele fez um gesto com a mão esquerda (em que segurava as luvas), o suficiente para a mulher ser retirada da linha e atirada para um canto da zona de parada, onde se juntou a um grupo de mães ansiosas e a tremer.

Nenhuma destas mulheres de olhos esbugalhados sabia então que ser encaminhada numa direção significava a vida, enquanto ir na outra podia representar algo de muito diferente. O destino das mulheres escolhidas nesse dia por Mengele permanece, até hoje, desconhecido.

\*\*\*

JOSEF MENGELE era a maior ameaça que a jovem Priska alguma vez conhecera na vida, mas por enquanto ela estava longe de adivinhar o que em breve teria de enfrentar. Nos meses seguintes, a fome tornar-se-ia a sua inimiga mais temida — morrer de fome parecia o fim mais óbvio para o seu sofrimento.

Durante o tempo em que Priska permaneceu no campo, a sede — que é prima da fome — atormentá-la-ia com o mesmo grau de crueldade, tal como a exaustão, o medo e a doença. Mas o que quase a quebrou em definitivo foram as permanentes exigências de alimento que o seu corpo grávido lhe fazia.

De forma perversa, a única coisa que ajudava Priska a ultrapassar as guinadas mais severas de fome era a memória de quando, a caminho da escola, encostava a cara ao vidro de uma pastelaria, antes de se alambazar com delícias sobreaçucaradas, como uma *babka*<sup>1</sup> de canela com molho de *streusel*<sup>2</sup>. Era como se a recordação de debicar camadas de bolo — enquanto migalhas lhe caíam pela camisa abaixo — na pastelaria em Zlaté Moravce resumisse a sua infância idílica no que agora é a região sudeste da república eslava.

A zona onde Priska crescera, e que ficava a cerca de mil quilómetros de Bratislava, atraía muita gente que se dedicava a garimpar ouro, e o Zlatnanka, um dos seus rios, deve o nome à palavra eslovaca para «ouro». A «Moravce Dourada» era quase tão próspera quanto o nome sugeria: tinha uma igreja imponente, escolas, ruas de comércio, cafés, restaurantes e um hotel.

Emanuel e Paula Rona, os pais de Priska, geriam uma das mais respeitáveis cafetarias *kosher*<sup>3</sup> locais, em torno da qual girava muita da vida da terra. Além de estar primorosamente localizada na praça central, a cafeteria possuía ainda um belo pátio. Emanuel Rona descobrira o negócio em 1924, ao deparar, num jornal, com o anúncio de arrendamento do estabelecimento. Rona estava no final dos seus trintas e, na esperança de fazer fortuna, teve a audácia de mudar de cidade, trazendo consigo a mulher e a filha desde Stropkov, uma terra remota, numa zona montanhosa no leste do país, junto à fronteira polaca, a duzentos e cinquenta quilómetros da Moravce Dourada.

Priska, que nascera a 6 de agosto de 1916, um domingo, tinha oito anos quando a família Rona se mudou, mas tanto ela como a família, sempre que lhes era possível, voltavam a Stropkov para visitar David Friedman, o avô materno de Priska, um viúvo que, além de ser dono de uma taberna, era conhecido por escrever panfletos polémicos.

Mas tarde, Priska viria a dizer que a cafeteria da família em Zlaté Moravce não só era belíssima como estava sempre imaculadamente limpa, graças à imensa capacidade de trabalho dos seus pais e a

<sup>1</sup> Um bolo que, na versão judaica, é recheado de chocolate ou canela. [N. do T.]

<sup>2</sup> Uma cobertura composta de farinha, manteiga e açúcar. [N. do T.]

<sup>3</sup> Comida que é preparada de acordo com as leis religiosas judaicas. [N. do T.]

uma multidão de empregadas dedicadas. O estabelecimento ostentava um salão privado a que a mãe de Priska chamava, com orgulho, «*la chambre séparée*»<sup>4</sup>, em que oito músicos em fatos escuros tocavam para os clientes, quando Paula puxava uma cortina. «Tínhamos ótima música, dançarinos magníficos. Nessa altura, a vida na cafetaria era importante. Amei tanto a minha juventude...»

A sua mãe, que era quatro anos mais nova e um palmo mais alta do que o marido, era senhora de uma beleza impressionante e tinha discretos mas ambiciosos planos para a sua família. Paula — que ao casar, e como era da tradição eslovaca, adicionou ao seu novo nome de família o sufixo «ová», passando a chamar-se Paula Ronová — mostrou ser uma excelente esposa, mãe e cozinheira, uma «mulher de uma moral inabalável», que falava pouco mas refletia bastante. «A minha mãe também era a minha melhor amiga.»

Por outro lado, o pai de Priska era um homem autoritário e disciplinador que, quando queria que os filhos não percebessem o que estava a dizer, conversava com Paula em alemão ou iídiche<sup>5</sup>. Priska, que sempre tivera um ouvido apurado para línguas, percebia cada palavra — mas não dizia nada.

Embora não fosse um cumpridor zeloso de todas as normas da religião em que nascera, Emanuel Rona compreendia a importância de manter as aparências e, nos principais feriados judeus, levava a família à sinagoga.

«Quando eu era miúda, era extraordinariamente importante que me comportasse bem, por causa da cafetaria», disse Priska. «Tínhamos de ser uma boa família, bons amigos e bons donos — de outro modo os clientes não frequentariam a cafetaria.»

Priska — cujo nome de nascença era Piroška — fora a quarta de cinco irmãos. Andrej, a quem chamavam «Bandi», era o mais velho. De seguida vieram Elizabeth, conhecida por «Boežka», Anička, que todos tratavam por «Aninha» e, quatro anos após Priska, Eugen, o mais novo, que tinha por alcunhas «Janíčko» ou «Janko». Entretanto, uma sexta criança falecera, muito nova.

<sup>4</sup> Sala privada, em tradução livre. [N. do T.]

<sup>5</sup> A principal língua falada pelos judeus [N. do T.]

Em Zlaté Moravce, a família vivia por trás da cafetaria, num apartamento suficientemente espaçoso para as crianças terem direito a quartos separados. Tinham um jardim grande, que descia na direção de uma corrente de água que o percorria a toda a largura. Priska, uma criança atlética e sociável, nadava frequentemente lá, com amigos que também jogavam ténis no seu jardim. Saudável e feliz, de cabelo negro e lustroso, Priska, tal como as suas irmãs, era popular entre as crianças locais, que, numa manifestação de afeto, a tratavam pelos diminutivos «Piri» ou, por vezes, «Pira». «Pouco me importava se uma pessoa era judia ou gentia. Era amiga de todos por igual. Era-me indiferente.»

Ela e as irmãs cresceram rodeadas por «mulheres de bom coração», que ajudavam com as tarefas domésticas e atuavam quase como mães adotivas. A família alimentava-se bem: havia carne *kosher* a quase todas as refeições, sempre apresentada de forma elegante. Ao jantar, não era raro que assados suculentos fossem seguidos por sobremesas vindas da cafetaria. Priska era gulosa e a sua sobremesa favorita era a *Sachertorte* vienesa, um bolo de chocolate húmido, feito com suspiros e compota de damasco.

Pese embora não estudassem religião na escola, as crianças foram educadas a ir à missa todas as sextas à noite e a lavar minuciosamente as mãos antes de se sentarem à mesa para um *Sabat*<sup>6</sup> elegante, cuja decoração incluía velas especiais e os melhores linhos.

Na sua turma, composta por mais de seis alunos, Priska era uma de apenas seis raparigas. A sua irmã Boežka era, de acordo com Priska, «uma verdadeira intelectual», que aprendia línguas sem qualquer esforço, como se simplesmente as absorvesse. No entanto, Boežka prestava pouca atenção aos livros — interessava-se bem mais por assuntos artísticos, em particular a costura, na qual brilhava.

Priska até podia ter de se esforçar mais nos estudos que a irmã, mas era aplicada e, em breve, a educação tornar-se-ia a sua paixão. Na sua demanda por uma compreensão mais profunda do mundo, também era diferente da sua irmã Anna, a mais bonita, que preferia

---

<sup>6</sup> Na tradição judaica, o *Sabat* é o dia do descanso mas também de recordar a criação dos céus e da Terra, bem como o Êxodo dos Hebreus.

brincar com bonecas ou experimentar vestidos. «Tinha prazer em aprender», admitiu Priska.

Desde muito cedo que se deixou fascinar pelo cristianismo e, com certa regularidade, quando ia para as aulas, aproveitava e entrava esgueirava-se pelo cemitério católico de Zlaté Moravce adentro. Tinha particular admiração pelas sepulturas e mausoléus que lá encontrava e a cada nova «chegada» ficava sempre intrigada e inventava histórias imaginárias acerca das pessoas e de como haviam vivido.

Paula, a sua mãe, encorajava a sede de educação da filha e ficou orgulhosa quando esta se tornou na primeira das crianças da família Rona a frequentar o Gymnázium Janka Král'a, o liceu local. Era um edifício bonito, de três andares, em estuque branco, que fora erguido em 1906, mesmo ao lado do cemitério e da câmara municipal. Foi nessa escola — com quinhentos alunos, cujas idades iam dos dez aos dezoito — que Priska estudou Inglês e Latim, bem como Alemão e Francês — estas últimas eram disciplinas obrigatórias. As suas irmãs não passaram do nono ano, com a exceção de Bandi, que seguiu Contabilidade.

Competitiva por natureza, Priska venceu inúmeros prémios académicos, e os seus professores deliciavam-se com os progressos dela. Era a preferida dos professores mas também recebia muita atenção dos rapazes da turma, que lhe imploravam que os ajudasse com o seu inglês e se reuniam devotamente no jardim dela, quando Priska os ensinava. «De Zlaté Moravce não tenho senão recordações maravilhosas.»

Na escola, a melhor amiga de Priska era uma rapariga chamada Gizelle Ondrejčková, que todos tratavam por «Giska». Não só Gizka era bonita, como também era popular. Gentia e filha do Superintendente da polícia local, Gizka não era tão estudiosa quanto Priska, pelo que o pai dela ligou um dia aos Rona para lhes fazer uma oferta: «Se a Priska conseguir que a Giska complete os seus estudos, então eu tratarei de fazer com o que a vossa cafetaria fique aberta até à hora que vocês quiserem.»

Isto sem que tivessem de pagar a respetiva taxa extra.

E foi assim que a quarta criança da família Rona subitamente se tornou de vital importância para o modesto negócio de família. Enquanto Priska permanecesse como tutora oficiosa da sua colega de turma, era garantido que a cafetaria dos pais prosperaria mais que as restantes. Priska arcou com muita seriedade esta responsabilidade: apesar de a tarefa a deixar com escasso tempo para apreciar a vida social, ela adorava Giska e queria ajudá-la. As duas amigas sentavam-se lado a lado nas aulas e acabaram por completar o liceu juntas.

Após terminar o liceu, Priska começou a dar aulas e tudo se encaminhava para que viesse a seguir a carreira de professora de línguas.

Como tinha jeito para cantar, juntou-se a um coro de professores, que fazia digressões pela país com um repertório composto por canções tradicionais nacionalistas, uma das proclamava, com orgulho, «Sou eslovaco e eslovaco permanecerei»: uma melodia que Priska iria cantar pela vida fora.

Em Zlaté Moravce, foi sempre tida em alta consideração e apreciava ser cumprimentada primeiro por quem quer que fosse que encontrasse na rua — o que, de acordo com a tradição eslovaca, é um sinal de respeito. Também foi cortejada por um professor genito, que a convidava, todos os sábados à noite, para tomar café ou dançar ou jantar no hotel local.

Não havia nenhum sinal que fizesse Priska, ou a sua família, pensar que o seu modo de vida confortável pudesse vir a ser alterado. Embora os judeus fossem, há muito, perseguidos Europa fora e muito houvessem sofrido, em particular às mãos dos russos durante os *pogroms*<sup>7</sup> do início do século XIX, haviam-se integrado com facilidade nas novas nações que resultaram da Primeira Guerra Mundial e do colapso dos impérios alemão, austro-húngaro e russo. Na Checoslováquia foram bem assimilados e tornaram-se membros proeminentes da sociedade. Não desempenhavam apenas um papel fundamental no sistema de produção e na vida económica do país — também davam a sua contribuição em todas as áreas da cultura, da

---

<sup>7</sup> Termo que designa perseguições violentas a judeus. Em Portugal houve o Massacre de 1506 (ou Pogrom de 1506), em que centenas de judeus foram mortos e torturados. [N. do T.]

ciência e das artes. Havia sido criadas novas escolas e sinagogas, e os judeus estavam bem no centro da vida de café. Na sua própria comunidade, a família Rona pouco teve de lidar com o antissemitismo.

No entanto, no seguimento da Primeira Guerra Mundial, uma grave depressão económica começou a alterar esta situação, em particular na fronteira com a Alemanha. Adolf Hitler, que desde 1921 era o líder do Partido Nacionalista Socialista dos Trabalhadores Alemães, conhecido por Partido Nazi, acusou os judeus de controlar a riqueza da nação e culpou-os pelo estado calamitoso desta. Após as legislativas de 1933, em que os nazis receberam 17,2 milhões de votos, Hitler foi convidado a participar de uma coligação governamental e indigitado Chanceler. A sua ascensão ao poder marcou o fim da República de Weimar<sup>8</sup>, considerada uma democracia representativa, e o início do que veio a ser conhecido como o *Terceiro Reich* — ou Terceiro Império.

Os discursos radicais de Hitler denunciavam o capitalismo e condenavam todos aqueles que se alistaram a bolcheviques, comunistas, marxistas e ao Exército Vermelho russo na luta revolucionária. Tendo escrito em *Mein Kampf*<sup>9</sup>, o seu manifesto autobiográfico de 1925, que «a personificação do Diabo, enquanto símbolo de todo o mal, assume a forma viva do Judeu», Hitler prometeu suprimir da Alemanha os judeus e outros «indesejáveis», descrevendo esta como sendo uma «solução perfeita e abrangente».

Depois de proclamar a sua «Nova Ordem» como réplica às medidas aplicadas aos alemães após a guerra, que muitos destes consideravam injustiças, Hitler encorajou os *Sturmtruppen*<sup>10</sup> a perseguir os judeus e boicotar ou cercar com tijolos os seus negócios. «*Sieg Heil*!<sup>11</sup>», o grito de guerra de Hitler, celebrado pela Juventude Hitleriana (que seguia a sua doutrina), partiu de Berlim e fez-se ouvir por toda a Europa. Hitler parecia estar cumprir as suas promessas eleitorais e, num período relativamente curto de tempo,

<sup>8</sup> Sistema semi-presidencial e democrático, que durou de 1918 a 1933. [N. do T.]

<sup>9</sup> *A Minha Luta*, em tradução livre. [N. do T.]

<sup>10</sup> Soldados alemães que, na Primeira Guerra Mundial, aprenderam táticas de infiltração, de modo a penetrarem as linhas inimigas. [N. do T.]

<sup>11</sup> «*À vitória*», em tradução livre. [N. do T.]

promoveu uma recuperação económica tal que o apoio de que era alvo tornou-se cada vez maior. Sustentado neste sucesso, o seu governo começou a implementar leis que excluía os judeus da vida política, económica e social. Queimaram-se livros judeus, considerados «degenerados», e os não-arianos foram expulsos das universidades — enquanto judeus que, noutros países, eram vistos como proeminentes, foram exilados (incluindo Albert Einstein).

À medida que o antissemitismo alemão escalava, sinagogas eram profanadas ou incendiadas até delas nada restar — por vezes com judeus presos lá dentro. Os pavimentos das vilas e cidades alemãs brilhavam de vidro partido, e nas janelas do comércio judeu eram pintadas estrelas de David ou ditos ofensivos. Os gentios, a quem os nazis chamavam «arianos», eram encorajados a denunciar judeus e, numa atmosfera que era agora de traição e desconfiança, aqueles que outrora haviam vivido felizes ao lado uns dos outros, e cujas crianças tinham crescido juntas, davam por si a serem cuspidos na rua, espancados ou presos. Havia aspirantes a espões por todo o lado, ansiosos por denunciar os seus vizinhos, na esperança de deitar a mão ao que era deles. Centenas de lares judeus foram sistematicamente pilhados por gente que forçava a entrada e levava o que queria.

Os nativos alemães eram encorajados a inspecionar e saquear os mais apetecíveis apartamentos de judeus, forçando famílias inteiras a abandonar, o mais depressa que pudessem, as suas casas. Costumava dizer-se que os novos inquilinos se instalavam mesmo «antes de o pão que estava a cozer no forno ficar frio». Aos despojados era apenas permitido mudarem-se para aposentos mais pequenos nos bairros mais pobres, o que na prática significava espoliá-los da vida que conheciam.

Aqueles que padeciam de deficiências físicas ou mentais — fossem judeus ou arianos — eram declarados «indignos de viver» e, não raro, enviados para campos ou executados sumariamente. O resto da população pouco mais podia fazer que conformar-se às Leis de Nuremberga — cujo propósito era alienar ainda mais, entre outros, os judeus — que Hitler impusera e executou sem

misericórdia. Estas regras — que os nazis definiam como «racismo científico» destinado a manter a pureza do sangue alemão — protegiam os «racialmente aceitáveis» e restringiam os direitos civis primários de «judeus, ciganos, negros e a sua prole bastarda». A Lei Para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã declarava nulos todos os casamentos mestiços e, por forma a evitar a «poluição racial», condenava à pena de morte qualquer judeu de quem se descobrisse ter tido relações sexuais com uma pessoa de nacionalidade alemã.

Os judeus viram ser-lhes retirados os seus direitos de cidadania e qualquer pessoa considerada «antissocial» ou «nociva» — uma categoria nebulosa que abrangia comunistas, ativistas políticos, alcoólicos, prostitutas, pedintes e sem-abrigo, além das Testemunhas de Jeová, que se recusavam a aceitar a autoridade de Hitler — era presa e encarcerada num dos primeiros *Konzentrationslager*<sup>12</sup> (ou «KZ»), que por norma se situavam em antigas casernas do exército.

Os arianos estavam proibidos de dar emprego aos judeus. Medida após medida, os judeus foram impedidos de desempenhar profissões que exerciam, como a de médico, advogado ou jornalista, enquanto as crianças foram proibidas de estudar para lá dos catorze anos. Com o tempo, os judeus foram banidos dos hospitais estatais e impedidos de se afastarem das suas casas mais de trinta quilómetros. O acesso a parques públicos, pátios, rios, piscinas, praias ou livrarias foi-lhes negado. Os nomes de soldados judeus foram arrancados dos memoriais da Primeira Guerra Mundial, apesar de muitos terem lutado pelo *Kaiser* nesse conflito.

Foram emitidos cartões de racionamento e senhas de alimentação, mas os judeus só tinham direito a metade do que era concedido aos arianos. Também só podiam fazer compras em locais designados para o efeito e entre as quinze e as dezassete horas, altura do dia em que a maior parte dos produtos frescos já fora vendida. Não podiam frequentar cinemas nem teatros, nem viajar na parte da frente do elétrico — tinham de ir para o fundo da carruagem, por norma

<sup>12</sup> A palavra alemã para «campo de concentração». [N. do T.]

uma zona cheia e abafada. Foi-lhes imposto o recolher obrigatório entre as 20h00 e as seis da manhã, e ainda tiveram de entregar à polícia os seus rádios.

Com medo das novas políticas implementadas, milhares de judeus fugiram para a França, para a Holanda e para a Bélgica, à procura de asilo. Outro local que se tornou um refúgio de eleição foi a nação que desde 1918 passara a ser chamada Checoslováquia. Tinha fronteiras fortes, bem como aliados poderosos — incluindo a França, a Inglaterra e a Rússia — e a família de Priska teria estado entre a maioria judia, que ali se sentia segura.

Em março de 1938, enquanto a Europa estremecia, Hitler anexou a Áustria, num processo que ficou conhecido por *Anschluss*<sup>13</sup>. Reclamando a autodeterminação da Alemanha, Hitler exigiu *Lebensraum*, isto é, mais «espaço para viver» para o seu povo. Ainda nesse ano, mas mais tarde, foram revogados todos os vistos de residência atribuídos a estrangeiros que viviam dentro do *Reich*. De seguida, o governo polaco declarou, inesperadamente, que iria invalidar os passaportes dos seus cidadãos, a menos que estes regressassem à Polónia para renová-los. De modo a facilitar este processo, os nazis ordenaram que 12 000 judeus nascidos na Polónia fossem reunidos e expulsos do país. Os polacos recusaram-se a aceitá-los, deixando-os na fronteira, num limbo insustentável.

Neville Chamberlain, o primeiro-ministro inglês, que sempre fora favorável a negociar com os alemães, liderou as conversas internacionais que conduziram ao Acordo de Munique em setembro desse ano. Sem que a Rússia e a Checoslováquia fossem consultadas, as maiores potências europeias deram a Hitler permissão para ocupar regiões no norte, sul e leste da Checoslováquia, conhecidas coletivamente por *Sudetenland*, e onde o alemão era a principal língua. Na prática a Checoslováquia perdia o controlo das fronteiras estratégicas, o que levou muitos checos a apelidarem o acordo de «Traição de Munique».

Em novembro de 1938, um adolescente judeu assassinou um funcionário alemão em Paris, como vingança por a sua família (de judeus

<sup>13</sup> A palavra alemã para «anexação» [N. do T.]

polacos) ter sido despojada de sua casa. Em retaliação, os altos comandos nazis levaram a cabo o *Reichspogromnacht*<sup>14</sup>, mais conhecido por *Kristallnacht*: «A Noite de Cristal» ou «A Noite dos Vidros Partidos». Numa única noite, milhares de lares, sinagogas e negócios judeus foram atingidos, pelo menos noventa pessoas foram mortas e 30 000 foram presas. Nos meses seguintes, os apoiantes de Hitler continuaram a instigar motins antissemitas mas, em março de 1939, o *Führer* convidou Monsenhor Jozef Tiso (o deposto líder católico do povo eslovaco) a visitar Berlim. Pouco depois, Emil Hácha (presidente católico da Checoslováquia) fez a mesma viagem. Foi-lhes feito um ultimato: ou colocavam voluntariamente o seu povo sob «proteção» alemã — sendo que as fronteiras checas também estavam sob ameaça da Hungria — ou eram invadidos à força pelos nazis.

Tiso e o seu governo colaboracionista aceitaram quase de imediato as exigências de Hitler: Tiso foi proclamado presidente do recém-cunhado Estado Eslovaco — que supostamente seria independente e manteria algum grau de independência do regime nazi, mas isto apenas no papel; Hácha, de sessenta e seis anos, sofreu o que se julga ter sido um ataque cardíaco e aceitou os termos alemães no dia seguinte ao ultimato. No entanto, a resistência do povo checo a esta capitulação foi generalizada; de modo que, em 15 de março de 1939, tropas alemãs marcharam pela nação checa adentro, renomeando-a Protetorado da Boémia e Morávia. Seis meses depois, Hitler invadiu a Polónia — que, semanas depois, foi tomada a leste pelos russos, revelando o pacto secreto que estes haviam estabelecido com os nazis. França e Inglaterra declararam guerra. A vida para o povo europeu nunca mais seria a mesma.

Nos novos «estados anexados» nazis, os judeus tornaram-se párias da noite para o dia. Um aviso que se encontrava regularmente à porta de muitos edifícios dizia «*Juden nicht zugänglich*»: «Proibida a entrada a judeus». Por vezes lia-se mesmo «Proibida a entrada a cães e judeus». Quando as atrocidades cometidas contra os judeus

<sup>14</sup> «Noite do Pogrom do Reich», em tradução livre. [N. do T.]

na Alemanha, na Áustria e na Polónia começaram a ser conhecidas, as pessoas dessa fé lotaram as embaixadas implorando por visas que lhes foram negados. Algumas, perante um futuro ao qual não viam como escapar, cometeram suicídio.

Priska e a sua família tiveram de aceitar o novo regime e cada novo decreto que este implementava. E o que doía mais eram as pequenas coisas. O professor deixou de a convidar para dançar; as pessoas que antes, quando a viam na rua, a cumprimentavam primeiro, agora ou não diziam olá ou viravam a cara. «Havia muitas coisas desagradáveis, mas era preciso aceitá-las automaticamente, se queríamos sobreviver.»

Alguns amigos, como Gizka e um colega de turma — cuja família trabalhava em agricultura e fornecia leite fresco à família Rona —, permaneceram ferreamente leais. Alguns moviam céu e terra para cumprimentar publicamente os seus amigos judeus e oferecer-lhes toda a assistência possível.

À medida que o rumor de que os judeus seriam «realojados» (contra a sua vontade e não se sabia onde) ia aumentando, as pessoas começaram a acumular comida e outros bens. Enterraram as suas posses ou pediram a amigos para escondê-las, mesmo tendo em conta que a pena para quem fosse apanhado a fazê-lo era a morte. Os judeus que puderam fugiram para o território palestino controlado pelos britânicos, onde esperavam criar o futuro estado sionista. Bandi, o irmão de Priska, estava entre eles: «Já vi tudo o que precisava de ver», disse — e, em 1939, partiu sozinho. Um então namorado da jovem Priska emigrou para a Bélgica sem sequer a avisar, e daí partiu para o Chile. Era rico e jovem; estavam noivos há pouco tempo, envolvidos na preparação do seu casamento (previamente arranjado por outros) e ele simplesmente desapareceu.

O resto da família de Priska fez o que pôde para aguentar. Anička, a sua irmã, casara em 1932, aos 19 anos, na esperança de evitar passar o resto da vida a servir na cafetaria. Ela e o marido, Otto, tinham um filho — mas o casamento não durou muito. Após o divórcio, Anna mudou o nome para Helena Hrubá, que soava mais ariano, e foi trabalhar para outra cafetaria.

Janko, o irmão de Priska que estudara engenharia elétrica, foi chamado para a tropa de trabalho judia<sup>15</sup>, de modo a tornar-se um «*Robotnik Zid*», um «judeu de trabalho»; usava um uniforme azul impossível de confundir e desempenhava as tarefas mais ignóbeis. Boežka, uma solteirona de trinta anos, ficava em casa a costurar roupa para a família e amigos.

Priska, que sempre se orgulhara do seu nariz judeu — a sua «linda tromba», como humoristicamente lhe chamava —, ficava felicíssima por poder vestir as criações de Boežka, que mitigavam uma sensação que se apoderara de si: a de ser um pária social.

«Nunca fui uma mulher linda, mas cuidava-me, de modo a ter bom aspeto», admitiu. «As pessoas da minha terra sempre me trataram bem; elas apreciavam o facto de eu ser a filha venerada da cafetaria.»

Em breve, essa honra ser-lhe-ia negada. Em 1940, os seus pais foram impedidos de gerir a cafetaria que tão meticulosamente haviam erguido ao longo de mais de dezasseis anos. Pessoas de escassa educação e nenhum talento particular para outro ofício ficaram sem qualquer tipo de rede que os amparasse.

«Perderam tudo», recordou Priska. «Eram boas pessoas.»

O *Treuhänder*, o administrador ariano colocado à frente do negócio, foi surpreendentemente terno com Priska — apreciava que ela soubesse falar inglês, francês, húngaro e alemão.

«O facto de eu falar aquelas línguas era importante e valorizado», explicou.

Impedidos de trabalhar, Priska e o que restava da sua família nuclear decidiram mudar-se para Bratislava, a nova capital do Estado Eslovaco, junto à margem do rio Danúbio. David Friedman, o avô de Priska, deixou Stropkov, a sua terra natal, e juntou-se ao resto da família — isto após terem-lhe extorquido a sua pousada. Tinham poupado algum dinheiro e esperavam que fosse mais fácil a um judeu passar despercebido numa grande cidade, e estavam

---

<sup>15</sup> Os judeus não podiam cumprir a tropa convencional. Em seu lugar criaram-se «batalhões de trabalhadores». Na Eslováquia, o batalhão judeu era um de seis, sendo os restantes compostos por eslovacos.

certos. Na altura da invasão nazi estimava-se que cerca de 15 000 judeus viviam em Bratislava, o que significava doze por cento da população — haviam-se integrado bem e não deparavam com muito antissemitismo.

Apesar de o regime nazi ter mudado tudo, a família de Priska encontrou um apartamento na Rua Špitálska e Priska, que começou a dar aulas privadas, voltou a apreciar a vida de café que conhecia desde a infância. Tinha um afeto particular pela Astorka, uma cafetaria onde andava de braço dado com a *intelligentsia* local, com quem podia conversar em várias línguas. Foi na Astorka que, certo dia, em outubro de 1940, deu com um homem esguio, de bigode, sentado numa mesa adjacente. Ele estava à conversa com alguns dos amigos de Priska. «Ele estava numa conversa muito animada e profunda com a minha amiga Mimi, que era farmacêutica. De repente ela levantou-se e veio dizer-me que ele me achava atraente.»

O audacioso admirador de Priska aproximou-se e apresentou-se. Tibor Löwenbein era um jornalista judeu, de ascendência polaca, fluente em alemão e francês, que nascera na vila de Púchov, no noroeste da Eslováquia. Nos seus relatos, Priska manteve sempre que ele estava um pouco tocado quando os dois se conheceram e que ela o avisou que não apreciava homens que bebiam. Ansioso por impressioná-la, Tibor prometeu nunca mais tocar em álcool. E manteve a palavra.

No entanto, fumava cachimbo e Priska nunca teve permissão de tocar na sua coleção de quarenta de cachimbos. O pretendente de Priska gostava de se vestir impecavelmente e possuía mais de quarenta camisas. Enquanto aspirante a escritor, Tibor era muitas vezes visto a escrever nos cadernos que transportava consigo. Também colecionava selos — embora Priska costumasse dizer, com um sorriso maroto, que após terem-se conhecido ela se tornara no seu único passatempo.

Tibor era filho único de Heinrich Löwenbein e da sua esposa Elizabeth, a quem costumavam chamar «Berta». O pai de Tibor era dono de uma quinta, pequena demais para os sonhos de Tibor, que se mudou para Bratislava e começou a escrever para um jornal,

o *Allgemeine Jüdische Zeitung*, cobrindo assuntos como desporto e política local. Também escreveu um pequeno livro, chamado *Slovensko-Židovské hnutie a jeho poslanie*<sup>16</sup>, acerca da sua total integração, enquanto judeu, na vida eslovaca.



O jornalista e autor Tibor Löwenbein, marido de Priska

QUANDO AS Leis de Nuremberga o impediram de continuar a trabalhar no jornal, o gentil dono de um banco de Bratislava, o Dunajská, ofereceu-lhe trabalho ao balcão. Magro e de aparência cuidada, Tibor, com o seu cabelo loiro e a sua pele clara, era uma presença agradável. Não parecia particularmente judeu — o que, segundo Priska, nessa altura era muito importante. Era tão bem visto no banco que foi enviado para Praga e Bro em negócios, algo de impossível tendo em conta as restrições de viajar impostas aos judeus. Mas o seu patrão era um homem bem relacionado e Tibor conseguia passar sempre entre os pingos da chuva. Tendo sido jornalista, parecia conhecer toda a gente e as pessoas tratavam-no sempre com educação, cortesia que era estendida à impressionante jovem senhora que andava de braço dado com ele.

<sup>16</sup> O Movimento Eslovaico-Judaico e a Sua Missão, em tradução livre. [N. do T.]

Todos os dias, a caminho do seu trabalho, Tibor acompanhava Priska à cafetaria Astorka, onde ela tomava o seu café matinal com uma fatia de bolo. Ao sair, Tibor fazia sempre uma rábula: parava e batia continência a Priska, o que a fazia rir. À noite, depois do trabalho, eles passeavam pelas bermas do Danúbio, uma zona popular entre os pares enamorados. Ficavam ali a ouvir a música que era tocada nas ruas e viam o luar ondular na água à medida que barcas, barças e barcos de passeio passavam, numa lentidão ruidosa.

Durante os primeiros seis meses de namoro, Tibor escrevia a Priska todos os dias. Chamava-lhe a sua «*Pirečka Zlaticko*», a sua «menina de ouro», enquanto ela o apelidava de «Tibko» ou, por norma, de «Tiborko». Arrebatada, ela guardou todas as notas de Tibor, algumas das quais eram curtas, porém sempre calorosas. Quase todas sobreviveram à guerra. Numa carta datada de 10 de março de 1941, Priska escreveu:

*Querido Tibko, sinto-me tão feliz quando recebo as tuas cartas, especialmente as compridas... Estou ansiosa por contar uma grande novidade! Nomeadamente, que a partir de quinta vou ter tempo livre — de modo que vamos poder ver-nos quatro dias seguidos. Que luxo, nestes tempos de tão escassa disponibilidade... Perguntaste-me o que eu achava das tuas cartas. São maravilhosas. Espanta-me que tu, que és tão sério e por estes dias tendes a ser tão pessimista e a considerar negra a situação atual, consigas escrever frases tão belas como escreves... Penso tanto em ti e sei que encontras algum consolo nos teus livros. Confesso que sinto um pouco de ciúmes da presença que os livros têm na tua vida quando eu não estou — embora eu prometa que isto é temporário. Por favor, manda-lhes cumprimentos da minha parte, eles são uma companhia valiosa, quando estás sem mim. Mando-te um milhão de beijos.*

*Tua,  
Priska*

Na sua resposta, datada de 12 de março, Tibor escreveu:

*Minha menina de ouro, ler a tua carta deixou-me extraordinariamente feliz. Que felicidade. As tuas palavras foram como um raio de sol a rasgar as nuvens escuras da abominável realidade diária. Ando aqui às voltas, à procura da maneira certa de expressar quão agradecido e alegre as tuas palavras me deixaram... Provavelmente, não serei capaz de lhes fazer justiça...! Enquanto penso nesse maravilhoso acontecimento que será o nosso encontro de amanhã, às 16h30, em minha casa, também sou obrigado a refletir em como o destino brinca connosco. Isto ocorreu-me quando notei que não vamos poder passar juntos o aniversário dos cinco meses do nosso namoro. Pelo que vou guardar para a tarde em que finalmente vou voltar a ver-te as palavras que anseio partilhar contigo... Mal posso esperar por segurar-te nos meus braços... vejo-te amanhã, meu amor... e até lá mando-te muitos beijos,*

Teu,  
Tibor



Priska e Tibor casam-se na sinagoga de Brastislava, em 1941

CASARAM-SE A 21 de junho de 1941, um sábado, na sinagoga de Bratislava, um edifício ao estilo mouro, com torres gémeas. A noiva, de vinte e cinco anos, usava casaco branco e longo, chapéu alto branco, pérolas, sapatos brancos e envergava um vestido estampado. Seguindo o *ketubah*, o contrato de casamento judeu, trazia consigo um ramo de gladiólos branco. O seu noivo, de vinte e sete anos, usava chapéu e vestia um fato janota com calças largas, como era moda na época.

Os pais de Priska, Emanuel e Paula, que disseram que o seu genro era «perfeito», deram a sua bênção ao casal e estavam felicíssimos por terem algo que celebrar. Os pais de Tibor não compareceram ao casamento. No início do ano, o pai de Tibor cometera suicídio, na sua quinta, perto de Püchov, e a sua mãe ficara sozinha. Consterornado, Tibor regressara a casa para estar com ela, mas depois teve de regressar a Bratislava, caso contrário arriscava ser preso por se afastar, sem permissão, da sua morada oficial. Priska, e os pais dela, tornaram-se a sua nova família.

Foi uma união feliz entre um par que parecia feito um para o outro.

«Não discutimos uma vez sequer», comentou Priska, que descreveu o seu marido como «sensacional».

Ela apreciava que ele falasse eslovaco «corretamente», o que não era o caso da maioria das pessoas; não raro, misturavam o eslovaco com palavras em alemão e húngaro. «Ele tratava-me tão bem e notava-se que ficava impressionado por eu dominar tantas línguas. Tenho memórias maravilhosas do meu Tiborko. Nem nos meus melhores sonhos imaginei um marido assim.»

Mas as reverberações seguintes da guerra ensombraram a felicidade do casal. No dia seguinte ao casamento, os alemães invadiram a União Soviética, numa manobra que fazia parte da *Unternehmen Barbarossa*<sup>17</sup> de Hitler, cujo objetivo era a Alemanha apoderar-se de territórios russos. Ainda cheios de esperanças e mal preparados para o que se seguiria, Priska e Tibor mudaram-se para um apartamento no número 7 da Rybárska Brána, que mais tarde viria

<sup>17</sup> Operação Barba-ruiva, em tradução livre. [N. do T.]

a chamar-se Fischertorgasse, mesmo à saída da praça principal de Bratislava, a Hlavné Námestie. Foram muito felizes aí, apesar das ameaças que continuavam a enfrentar. Apesar destas, e ansiosa por ter filhos, Priska engravidou de imediato, para grande alegria do casal. Tibor sentiu-se ainda mais grato por ter uma fonte de rendimento estável, agora que havia uma criança a caminho. Mesmo em setembro de 1941, quando o *Židovský kódex*, o Código Judeu, foi introduzido, Tibor conseguiu manter o emprego — sendo que o *Kódex* obrigava todos os judeus na Eslováquia a cumprir quase trezentas novas regras.

Este código, que definia oficialmente os judeus em termos raciais, reinstaurava uma prática antiga — que remontava ao nono século e fora aplicada em lugares tão distintos quanto Bagdade ou Inglaterra — que forçava os judeus a usar emblemas humilhantes. Todas as pessoas de origem judaica tinham de ter os seus passaportes, entre outros documentos, carimbados com um grande «J», primeira letra de *jude*, a palavra alemão para judeu. Também tinham de comprar tarjas para usar no braço, ou estrelas, que eram cortadas de grandes rolos de tecidos lisos, feitos nas precisas fábricas em que, outrora, muitos judeus ganhavam a vida. Cada emblema tinha de ser cosido na frente e nas costas de todas as roupas exteriores, mas era suposto ser usado por cima do coração de cada judeu.

Isto aumentou a visibilidade dos judeus, o que por sua vez fez crescer a perseguição pública contra eles. Não só as suas lojas e os seus negócios começaram a ser continuamente vandalizados e saqueados, como os judeus passaram a estar em perigo de cada vez que saíam do santuário das suas casas. Muitos dos amigos de Tibor e de Priska pagaram largas quantias de dinheiro para adquirir papéis falsos, correndo enormes riscos caso fossem apanhados. O patrão de Tibor conseguiu que este ficasse isento de usar a estrela (bem como de obedecer a um sem-número de outras restrições), mas Priska não tinha esse tipo de proteção. Cada vez que saíam de casa juntos depois do recolher obrigatório, ou quando iam a um lugar banido a judeus, ela segurava a sua mala ou levantava a lapela do casaco, de modo a que ninguém pudesse ver a sua estrela.

De seguida, e pouco depois da imposição das novas regras, os judeus receberam instruções no sentido de deixarem o centro de Bratislava e mudarem-se para os subúrbios mais pobres. Priska encontrou um lugar como professora numa escola primária na pequena vila de Pezinok, a vinte quilómetros de distância. Tibor viajava para Bratislava todos os dias, partindo às seis da manhã. «Ele adorava o emprego e não podia deixar de trabalhar, porque eu estava à espera de um bebé.»

Os pais de Priska, o seu avô e a sua irmã Boežka conseguiram permanecer em Bratislava, onde Boežka se manteve a trabalhar como costureira — viviam num apartamento junto à margem do Danúbio. E assim, esta família chegada continuou a aguentar-se e a manter a esperança viva.

Priska deu aulas na escola primária até ao dia em que as autoridades proibiram os não-arianos de ensinar crianças arianas. Depois de se despedir afetuosamente das crianças, Priska considerou-se afortunada ao receber um convite, de um inglês que dirigia uma escola de línguas local, para ensinar ali, o que lhe permitia ganhar mais do que antes.

«Eu tinha opções. Tinha muitos alunos que ainda vinham ter comigo à procura de aulas privadas, por isso foi como se nada tivesse acontecido. Não sofri com isso. Pagavam-me e isso dava-me para viver.»

Determinada a ajudar famílias menos fortunadas que a sua, continuou a ensinar muitos dos seus alunos de graça, lendo-lhes clássicos das literaturas alemã, francesa e inglesa.

Depois, um dia, Priska perdeu o bebé.

Enquanto o casal sofria em silêncio, a vida diária tornava-se cada vez mais difícil, à medida que os códigos nazis eram aplicados com crescente rigor. As autoridades obrigaram os judeus a catalogar todas as suas pratas, a sua arte, as suas joias e propriedades, que depois tinham de entregar nos bancos locais, onde eram confiscadas. A seguir foi a vez dos casacos de peles e das melhores roupas de inverno. Os judeus foram então impedidos de manter animais domésticos e forçados a colocar todos os gatos, cães, coelhos ou pássaros de gaiola em centros que os recolhiam — para nunca mais serem vistos.

Sob a gestão de Padre Tiso, o Estado Eslovaco tornou-se num dos primeiros parceiros do Eixo a consentir as *SS-Aktionen* — as deportações de judeus para novas «áreas de realojamento», ou campos de trabalho, de modo a ajudarem no esforço de guerra alemão no leste. Como recompensa por manter o direito de os seus cidadãos arianos não serem enviados para lugares como estes, o governo eslovaco concordou pagar quinhentos *Reichsmark*<sup>18</sup> por cada judeu que os nazis deportassem através das suas fronteiras. Em troca, os nazis asseguraram as autoridades eslovacas de que os «parasitas» que fossem «relojados» nunca voltariam a casa, nem poderiam reclamar qualquer propriedade que houvessem deixado para trás. Foi no meio desta atmosfera opressiva que dezenas de milhares de judeus foram reunidos pela *gardista*<sup>19</sup> eslovaca (entre outras milícias), de modo a serem «concentrados» em casernas de trabalho dentro da Eslováquia — sobretudo em Sered', Vyhne e Novaky.

Vários milhares de judeus ficaram como internos nos novos campos, na manufatura de bens vitais para o esforço de guerra alemão, mas uns estimados 58 000 foram enviados para campos de trabalho forçado mais a leste, num processo a que os nazis chamavam *Osttransport*. Por «leste» assumia-se que os campos ficavam perto das fábricas de armamento na Polónia ocupada, onde os internos trabalhariam em troca de comida e abrigo. A alguns foi prometido trabalho nas colheitas ou ajuda a criar novos estados judeus.

Abandonados e impotentes, os judeus eslovacos resignaram-se ao que parecia ser um destino cada vez mais negro. Esperavam condições difíceis e muitas privações, mas rezavam para que assim que a guerra acabasse a vida pudesse voltar ao normal. Família inteiras voluntariaram-se para se juntarem àqueles que já haviam sido enviados, pensando que era melhor que a família estivesse junta. Outros prometeram enviar dinheiro, cartas e comida, acreditando piamente que estes itens chegariam ao destino desejado.

Em março de 1942, quase nove meses depois do dia a seguir ao seu casamento, e mais ou menos na altura em que esperava

<sup>18</sup> A moeda alemã entre 1938 e 1945. [N. do T.]

<sup>19</sup> Polícia, em tradução livre. [N. do T.]

celebrar o nascimento da sua primeira criança, Priska veio a saber que Boežka, a sua irmã mais velha, fora vítima de uma das primeiras *Aktionen*, após as autoridades eslovacas aceitarem fornecer 1000 mulheres solteiras e saudáveis. Ao aperceber-se do destino de Boežka, Priska correu para o terminal de caminhos de ferro em Bratislava, numa tentativa de a resgatar. Tal ato podia muito bem ter-lhe custado a vida. Deu com o comboio prestes a partir, atulhado de passageiros, mas não conseguiu ver a irmã por entre aquele mar de rostos assustados e perplexos.

«Não conhecia nenhum dos *gardistas*, mas implorei-lhes que libertassem a minha irmã. Eles berraram-me de volta a disseram-me: “Se é solteira, entre no comboio! Se é casada, então vá para casa!” Surpreendeu-me que não me tivessem simplesmente deixado ficar na estação de comboios, mas não deixaram.»

Priska foi presa pelos temíveis guardas *Hlinka*<sup>20</sup> — treinados pelas SS e inconfundíveis nos seus uniformes negros — e passou a noite na prisão. Tibor, que não fazia ideia do paradeiro da esposa, estava desesperado; por fim, de manhã, recebeu a seguinte mensagem: «Venha buscar a sua esposa. É uma arruaceira.» Tibor foi à esquadra da polícia e convenceu as autoridades a deixaram-no levar Priska para casa, sem qualquer tipo de castigo, mas estava tão zangado com a esposa, à conta dos riscos que esta correria, que se recusou a falar com ela — embora apenas durante meio dia, tão transtornada Priska estava por não ter podido salvar a sua doce Boežka.

Pouco depois, Priska engravidou novamente. E mais uma vez, apesar de tudo ao redor das suas vidas parecer desintegrar-se, o casal rebentava de alegria. Nenhum deles tinha plena consciência do perigo que corriam — nas semanas seguintes, as autoridades continuaram a efetuar ataques de surpresa aos lares judeus, de modo a «realojar» mais pessoas: juntavam às mil de cada vez. Certo dia, ao ouvirem o barulho de botas de cano alto no corredor, os pais de Priska saltaram por uma janela e conseguiram escapar.

<sup>20</sup> A guarda *Hlinka* era a milícia mantida pelo Partido do Povo Eslovaco, entre 1938 e 1945. [N. do T.]

A 17 de julho de 1942 não tiveram tanta sorte. Impotentes perante a cadeia de comando que decidia da vida e da morte, Emanuel e Paula foram capturados sem aviso. Quando Priska soube disto, já eles tinham partido. Estavam a meio dos cinquenta e ela nunca teve a chance de se despedir deles. Tal como com a sua irmã, Priska não conseguiu salvá-los. Nem ao segundo bebé — que abortou. «Nessa altura achei que também tinha de ir para leste», confessou Priska. «Já nada me importava.»

Tibor descobriu que a sua mãe, Berta, também havia sido «realojada» da sua casa, nas proximidades de Püchov, para um campo na Silésia polaca. A senhora era idosa e solitária. Tibor, tanto quando sabia, era agora órfão. Através de contactos de infância, como Giska, Priska veio a saber que a maior parte da população judia de Zlaté Moravce também tinha desaparecido, incluindo amigos e família.

Já pouco importava que os pais de Priska tivessem passado os seus bens mais preciosos a Giska, para que esta os guardasse — ela, a melhor amiga de Priska, a quem esta dera aulas ao longo do liceu, e que arriscara a sua vida ao esconder aqueles pertences. Os pais e a irmã de Priska haviam desaparecido; os restantes irmãos estavam dispersos — uns quantos pratos de porcelana ou os talheres em prata não tinham qualquer significado se, quando a guerra acabasse, não restasse ninguém para se sentar à mesa no Sabat.

Anna, a irmã de Priska, fora ajudada por gentios e escapara para a Vysoké Tatry, uma zona montanhosa entre o Norte da Eslováquia e o Sul da Polónia, relativamente segura e onde trabalhava como empregada de mesa sob um nome falso — vivia ali com o tio da sua mãe, o dr. Gejza Friedman, um pneumologista que tratava de tuberculosos num sanatório. Gejza também acolheu David Friedman, o seu pai de oitenta e três anos e avô de Priska, que ficara sozinho depois de os pais dela terem sido «realojados». Otto, o filho de Anna, de onze anos de idade, fora escondido por freiras católicas. Bandi, o irmão mais velho de Priska, estava seguro no Mandato Britânico da Palestina<sup>21</sup>. Janko

---

<sup>21</sup> Território criado em 1923, na sequência da Primeira Guerra Mundial, composto pela Palestina e pela Transjordânia, sob administração inglesa e onde se pretendia criar um lar nacional para o povo judeu. [N. do T.]

desertara da sua unidade de trabalho, juntando-se à resistência judaica na organização de ataques contra os guardas *Hlinka* e participando em ações que pretendiam minar o governo pró-alemão. Há meses que não sabiam dele.

Priska, cujo interesse precoce no cristianismo se havia reacendido, converteu-se ao evangelismo, na esperança de que tal ato a salvasse. Tibor, que crescera num lar mais atreito às regras judaicas, não acreditava que isso fizesse diferença. Ambos continuaram a respeitar as principais tradições judaicas. Apesar da tremenda incerteza que os rodeava — ou talvez por causa dela — Priska engravidou de novo, e de novo sofreu um aborto.

No outono de 1942, os «realojamentos» para leste haviam sido interrompidos pelo governo eslovaco. A elite política e religiosa e os resistentes judeus haviam formado uma organização chamada Grupo de Trabalho de Bratislava que, ao suspeitar que a maioria dos 58 000 judeus deportados havia sido condenada à morte, colocou o governo de Tiso sob imensa pressão. Mais de 7000 deportados eram crianças.

Durante os dois anos seguintes, e após o governo eslovaco ter reconsiderado a sua posição e recusado deportar os seus restantes 24 000 judeus, estes permaneceram em relativa segurança. O Grupo de Trabalho desenvolveu um esforço frenético no sentido de salvar os judeus para sempre, chegando para tal a subornar figuras cimeiras do regime. Conseguiram mesmo negociar diretamente com as SS e com Dieter Wisliceny, um *Hauptsturmführer*<sup>22</sup> e consultor nazi da Eslováquia para os assuntos judaicos, oferecendo-lhes milhões de *Reichsmark* em ouro. Estas negociações, chamadas «Plano Europa», chegaram a um impasse quando Wisliceny foi transferido. Contudo, neste período de tempo ocorrera uma suavização, tanto nas leis antissemitas como nas perseguições, pese embora ainda houvesse um mau presságio generalizado.

Tibor e Priska, graças ao emprego do primeiro e às aulas privadas que a segunda dava, puderam regressar a Bratislava e mudaram-se para um apartamento na Edlova Strasse. Apesar de terem de lidar

<sup>22</sup> Uma espécie de capitão, no exército alemão e nas SS.

com o racionamento e restrições acerca dos locais e horários em que podiam fazer compras, conseguiam — quando comparados com milhares pela Europa fora — alimentar-se condignamente. Sempre que a boca gulosa de Priska a atormentava, ela e o marido partilhavam um bolo na sua cafetaria favorita, a histórica Štefánka Café.

Como muitos dos seus amigos, tanto judeus como gentios, tentavam não se preocupar demasiado com o futuro e tinham esperança de que a guerra acabasse depressa. Esta, em 1943, certamente que parecia começar a pender para os Aliados. As poucas rádios que não foram ilegalizadas reportavam não só revoltas bem-sucedidas na Polónia, mas também que o Exército Vermelho<sup>23</sup> estava lentamente a tomar controlo das operações. Após uma campanha brutal de cinco meses, os alemães haviam perdido Estalinegrado<sup>24</sup>. Os Aliados tomaram conta da Líbia, levando à rendição o *Deutsches Afrikakorps*<sup>25</sup>. A Itália declarara guerra à Alemanha e os civis fugiam de Berlim. Haveria um fim à vista, perguntavam-se, ou a situação ainda pioraria?



Priska e Tibor, em Bratislava, no ano de 1943

<sup>23</sup> O exército da URSS. [N. do T.]

<sup>24</sup> Volgogrado, desde 1961. [N. do T.]

<sup>25</sup> O conjunto das Forças Armadas da Alemanha na Líbia. [N. do T.]

NINGUÉM SABIA. Muito menos faziam ideia do que acontecera aos entes queridos, de quem não tinham notícias. Há meses que em Bratislava circulavam rumores, pequenas coisas que se ouviam ocasionalmente quando havia deportações, acerca dos campos para onde judeus e outros eram enviados. Dizia-se que as pessoas eram forçadas a trabalhar até à morte, ou que faleciam de fome ou que eram executadas de forma brutal. Em 1942, notícias vindas da América e de Inglaterra afirmavam que os judeus, em específico, estavam a ser metodicamente assassinados. Estas histórias tornaram-se ainda mais delirantes depois de abril de 1944, quando Rudolf Vrba, um prisioneiro eslovaco, e Alfred Wetzler, um foragido, emergiram de um campo no sul da Polónia, de que ninguém ouvira falar, e deram conta de que estavam a decorrer extermínios em massa, que envolviam câmaras de gás e crematórios. O alcance do relatório detalhado que os dois homens fizeram de Auschwitz-Birkenau, acompanhado de ilustrações gráficas, foi durante muito tempo reduzido, e pouco crédito lhe foi prestado — embora, a partir de então, as pessoas se tenham tornado mais desconfiadas e passado a evitar a todo o custo «realojamentos» para leste.

Priska e Tibor não conseguiam acreditar nestas histórias, que pareciam demasiado rebuscadas para serem credíveis. No seu grupo de amigos, a impressão geral era de que tais histórias ou eram delírios de homens ensandecidos à conta do aprisionamento a que haviam sido submetidos, ou eram exageros da propaganda antinazi. Apesar de tudo o que já tinham passado, admitir que Hitler estava a falar a sério quando prometera erradicar todos os seres humanos de origem étnica indesejável, por forma a criar uma raça superior, estava para lá do que eram capazes de imaginar. No fim de contas, os alemães eram um dos povos mais cultos e civilizados do mundo. Não era possível que a nação que produzira Bach e Goethe, Mozart e Beethoven, Einstein, Nietzsche e Dürer, criasse um plano tão monstruoso — ou era?

O casal — que matinha a esperança numa resolução iminente para uma guerra que não conseguiam compreender por completo — seguiu com a sua vida o melhor que podia. Em junho de 1944,

uma semana antes do terceiro aniversário do seu casamento, Priska e Tibor decidiram tentar engravidar de novo. Dois meses depois, a relativa calma de que haviam desfrutado durante quase dois anos foi esvaçada pela *Slovenské Národné Povstanie*, a Revolta Nacional Eslovaca, uma insurreição armada que pretendia derrubar o governo-fantoches. Janko, o irmão de Priska, foi um dos milhares de cidadãos e resistentes que fizeram de tudo para acabar com o regime fascista em que eram obrigados a viver.

A 29 de agosto de 1944, deu-se uma rebelião violenta nas Nízke Tatry<sup>26</sup>, que rapidamente se espalhou, até que, dois meses depois, as *German Wehrmacht*<sup>27</sup> foram chamadas para a esmagar com crueldade. Milhares morreram. Depois disso, tudo mudou. Sob os auspícios da Gestapo — que fora para a Eslováquia pôr na ordem todos aqueles que haviam tido a audácia de desobedecer ao *Führer* —, os soldados, que tinham sido enviados para levar a cabo a vingança, ocuparam rapidamente todo o país. Uma das primeiras tarefas da polícia de segurança que trouxeram consigo foi forçar o presidente Tiso a recomençar as deportações dos restantes judeus eslovacos. Desesperados por fugir a este destino, milhares entraram na clandestinidade, ou partiram para a Hungria, entre outros países onde esperavam estar a salvo.

Apesar de cada vez mais o final parecer inevitável, Priska e o seu marido tentaram manter-se otimistas e escolheram permanecer em Bratislava, onde durante tanto tempo haviam conseguido evitar ser capturados. Cada dia que passava em que não eram descobertos parecia uma benção, em particular tendo em conta que as notícias que iam recebendo da guerra melhoravam a cada semana. Paris fora libertada, bem como portos essenciais na França e na Bélgica. Os Aliados haviam começado um assalto aéreo na Holanda. Seguramente que os alemães iriam capitular em breve.

A 26 de setembro de 1944, uma terça-feira, o casal celebrou o trigésimo aniversário de Tibor — que caiu no *Yom Kipur*, o «Sabat dos Sabats», a mais sagrada das tradições judaicas, comemorado com

<sup>26</sup> Uma região montanhosa no centro da Eslováquia. [N. do T.]

<sup>27</sup> Nome das Forças Armadas Alemãs, de 1935 a 1946. [N. do T.]

um período de vinte e cinco horas de jejum durante o Dia do Perdão. Não festejavam apenas os anos de Tibor, mas também a nova vida que Priska carregava há pouco mais de oito semanas mesmo por baixo do seu coração. Juntos, rezaram para que este, o seu quarto bebé, conseguisse sobreviver.

Dois dias depois, as suas preces por dias felizes foram despedaçadas, quando três membros das *Freiwillige Schutzstaffel* (SS Voluntárias), compostas quase exclusivamente por paramilitares eslovacos de origem alemã, irromperam no seu apartamento e ordenaram-lhes que colocassem os seus pertences num par de pequenas malas que, no total, não podiam pesar mais de cinquenta quilogramas.

«Eram horríveis», recordou Priska. «Eram arrogantes. Mal nos dirigiram a palavra e eu também não disse nada... Sabia manter-me calma perante a adversidade. Não dei azo a confusões.»

Naquele belo dia de outono, Priska e Tibor Löwenbein foram «arrastados» de casa e forçados a entrar, pela porta traseira, numa camioneta larga e preta — uma deportação que custou ao governo eslovaco 1000 *Reichsmarks*. Tiveram de deixar para trás a coleção de selos de Tibor, os seus cachimbos, camisas, estantes recheadas de livros e preciosos cadernos que continham anos de escrita.

Primeiro levaram o jovem casal para a grande sinagoga ortodoxa judaica na Heydukova Strasse. Ficaram horas ali à espera, juntamente com uma multidão de judeus sentados ora no chão ora em cima das suas malas, e temeram pelas suas vidas. Priska sentiu enjoos matinais — era a primeira vez que tal lhe acontecia. Tentou lutar contra as vagas de náusea, e agarrou-se a Tibor, que lhe ia dizendo para pensar no rebento de ambos.

«O meu marido fazia-me festas e dizia: “Talvez nos mandem para casa, Pirečko.” Eu só pensava no meu bebé. Queria muito aquela criança.» Mais tarde nesse dia, o casal, bem como outros 2000 judeus, foi transferido de autocarro para a pequena estação de caminhos de ferro de Lamač, e posteriormente enviado sessenta quilómetros para leste, na direção do cada vez mais extenso campo de trabalho em Sered', no planalto do Danúbio. Antes da rebelião, Sered', que no passado fora uma base militar, era dirigido pela

guarda *Hlinka*, mas depois ficou sob supervisão de Alois Brunner, oficial das SS e assistente de Adolf Eichmann, um nazi *Obersturmbannführer* (tenente-coronel) que se contava entre os principais impulsionadores da chamada «Solução Final Para a Questão Judaica» de Hitler.

Após levar a cabo com particular sucesso uma operação semelhante em Vichy, França, Brunner fora enviado para Sered' com o intuito de supervisionar pessoalmente a deportação dos últimos judeus eslovacos. Crê-se que Brunner — que trajava quase sempre no seu uniforme branco preferido — terá sido responsável pelo transporte de mais de 100 000 pessoas para Auschwitz.



Judeus a serem descarregados de vagões  
de transporte de gado em Auschwitz

AQUELES QUE chegavam a Sered' eram encaminhados em rebanho para barracos de madeira onde sufocavam perante tamanha quantidade de pessoas. A desumanização dos prisioneiros começava com as *Appelle*, as chamadas matinais, e prosseguia com um duríssimo regime de trabalhos físicos pesados, ou tarefas domésticas. Os judeus, encafuados em cada milímetro de espaço disponível, subsistiam diariamente com meia tigela de «café» amargo, uma sopa anêmica e de origem duvidosa, e uma côdea de pão rijo. Alguns dos mais devotos usavam a água quente — que os nazis faziam passar

por comida — para lavarem as mãos antes de cuidadosamente cortarem as suas miseráveis rações e as partilharem com outros.

Aquando do *Yom Kippur* — que Priska e o seu marido, em Bratislava, respeitaram, jejuando —, os nazis de Sered' fizeram uma churrascada no meio do campo, com um porco inteiro, e convidaram, a rir, os judeus esfomeados a comê-lo. Não há relato de um judeu que fosse que tenha aceitado a proposta, apesar da fome.

Mal Priska e Tibor chegaram de autocarro a Sered', começaram as primeiras deportações para leste, enquanto Brunner supervisionava a «liquidação» do campo, a tempo da chegada da próxima leva de prisioneiros. A 30 de setembro de 1944, oficiais eslovacos e húngaros das SS arrancaram, a meio da noite, os quase 2000 judeus originários de Bratislava das barracas em que os haviam colocado e alinharam-nos em formação militar antes de os enfiarem em vagões de transporte de animais. Em cada vagão eram colocadas entre oitenta a cem pessoas que se esmagavam e mal conseguiam respirar, quanto mais terem espaço para se mexer. Assim que as pesadas portas de madeira se fecharam, deixando os judeus a sufocar na semiescuridão, as crianças mais pequenas foram sendo passadas por cima das cabeças das pessoas, de modo a chegarem ao colo daqueles poucos judeus que tinham conseguido sentar-se numa tábua estreita nos fundos. Aos outros restava aguentar em pé ou agacharem-se.

Não havia quaisquer cuidados sanitários à exceção de um balde de madeira e uma caneca de água; o balde entornava o seu conteúdo a cada solavanco, pelo que não tardou que os vagões fedessem e as condições higiénicas se deteriorassem. Houve quem tentasse despejar o balde pela minúscula janela, mas a grelha de arame farpado que a tapava impedia que o virassem por completo, de modo que as pessoas se viam obrigadas a defecar ou urinar onde estavam, sujando as roupas.

Sem comida, ar fresco ou água, aqueles seres humanos desesperados e suados iam sendo espezinhados uns contra os outros. Aqueles que conseguiam ver lá para fora através de pequenas frinchas na madeira iam dizendo os nomes das terras pelas quais o comboio

passava à medida que fazia a sua viagem de trezentos quilómetros para nordeste. Quando atravessaram a fronteira polaca, alguns dos prisioneiros mais velhos começaram a recitar a oração judaica pelos mortos, e depois quedaram-se em silêncio. Os que morriam eram lançados do comboio sempre que este fazia uma paragem, o que criava um pouco de espaço para os vivos. Como milhares de outros judeus que, nos últimos meses de 1944, foram deportados a partir de Sereď, estes 1860 judeus eslovacos aperceberam-se de que seguiam em direção a um qualquer lugar onde seriam certamente tratados de forma ainda mais brutal — e, muito possivelmente, em direção à morte.

Priska e Tibor estavam tão assustados quanto os restantes, mas ainda assim tentavam assegurar um ao outro que tudo acabaria bem e que voltariam para casa com a sua criança. Priska estava particularmente determinada a não desistir, porque «gostava demasiado da vida». Ela lembrou Tibor que a facilidade que tinha com línguas lhe permitiria falar com os demais prisioneiros, bem como com os SS, que talvez assim a tratassem com um pouco mais de respeito. Tinha um cérebro e sabia usá-lo, assegurou ao marido.

A fé sempre fora importante para Priska, e foi nela que Priska confiou durante aquelas horas demoníacas em que a locomotiva os transportou para leste. «A crença em Deus é a coisa mais importante do mundo. Uma pessoa de fé tem de ser decente e saber comportar-se. Saúdo o Senhor todas as noites, antes de me deitar.»

Tendo-se convertido à igreja evangélica, Priska raras vezes pensava em si como uma judia, uma ironia que não lhe escapava ao ver-se a si e a Tibor tratados sem um mínimo de compaixão à conta da sua fé. «O que eles fizeram aos judeus foi horrível», admitiu. «Horrível. Portaram-se como animais. Os homens são homens e um homem tem de saber como tratar os outros. Eles trataram os judeus de uma forma abominável. Estávamos presos num comboio e... depois atiraram-nos dele para fora. Comportaram-se de forma aterradora.»

Durante as mais de vinte e quatro horas que a viagem de comboio durou, os prisioneiros perguntavam-se para onde estariam

a ser levados e se iriam reencontrar os seus entes queridos, que lhes haviam sido roubados dois anos antes. Iria Priska encontrar Boežka e os pais? Reunir-se-ia com os antigos amigos de Zlaté Moravce, com quem nadara, cantara e falara em inglês e alemão? Iria Tibor, por fim, confortar a sua mãe viúva?

Tibor, cada vez mais angustiado, não acreditava nisto e mal suportava assistir ao sofrimento da esposa. Nauseada, sem acesso a água fresca ou ar, Priska lutava, naquele vagão negro e fétido, por um pouco de oxigénio, enquanto Tibor a abraçava, lhe beijava o cabelo e tentava consolá-la. Na realidade, Tibor mal parava para respirar — estava constantemente a falar com ela, a incitá-la a pensar de forma positiva, acontecesse o que acontecesse, e a concentrar-se apenas em coisas alegres. Tal como nas suas cartas, em que a descrevera como «um raio de sol a rasgar as nuvens escuras», agora tentava dar-lhe esperança para o futuro.

Mas a coragem começou a faltar a Tibor à medida que o comboio avançava impiedosamente. Se era assim que os tratavam agora, então que demais crueldades esperavam por eles no seu destino? Tibor abraçou Priska ainda com mais força e rezou alto para que ao menos ela e o bebé, que ambos tanto desejavam, sobrevivessem. No mais improvável dos locais, o casal — ao aperceber-se de que esta poderia ser a última oportunidade que tinha para o fazer — resolveu escolher um nome para a criança. Entre sussurros escolheram Hanka (ou, mais formalmente, Hana), se fosse rapariga (a partir do nome da irmã da avó de Priska) e Miško (Miguel), se fosse rapaz.

Ao lado do jovem casal no vagão parcamente iluminado estava Edita Kelamanová, uma solteirona húngara de trinta e três anos, de Bratislava. Ao entreouvir a conversa do casal, ficou comovida. Edita virou-se para Tibor e, esforçando-se por se fazer ouvir por cima do barulho do comboio, disse: «Prometo que se eu e a sua esposa permanecermos juntas, tratarei dela.»

Nascida num meio educado e rico, Edita não só considerava ser esse o seu dever *mitzvah*<sup>28</sup> e moral, como também esperava que, se cumprisse a sua palavra, talvez as suas preces de ser salva e um

<sup>28</sup> Mandamentos transmitidos por Deus aos judeus e que estes cumprem. [N. do T.]

dia encontrar um marido fossem ouvidas. Tibor agradeceu à desconhecida, enquanto Priska, que reconheceu o sotaque, acrescentou suavemente, em húngaro, «*Köszönöm*»: obrigado.

Todos gritaram quando o comboio deu um solavanco final, antes de parar num entreposto central, junto à fronteira da Polónia e do *Reich* alemão, onde os prisioneiros foram formalmente entregues às novas autoridades. As portas dos seus vagões asfixiantes permaneceram fechadas e, enquanto esperavam numa linha paralela, ninguém fazia ideia do que estava a acontecer. O comboio vindo de Sered' contraiu-se então convulsivamente e voltou a arrancar, até que umas horas depois a carruagem foi comutada para uma linha privada até parar bruscamente na rampa da estação de caminhos de ferro, mesmo no coração de Auschwitz II-Birkenau. Era o dia 1 de outubro de 1944, um domingo. Os ocupantes do comboio reconheceram imediatamente o som da violência vinda para lá das portas cerradas da sua prisão-sobre-rodas — homens a gritar, cães a ladrar — e sabiam que haviam chegado ao seu destino.

«Vai ficar tudo bem, minha menina de ouro!», prometeu Tibor à esposa, escassos momentos antes de as portas dos vagões abrirem com estrondo. Avançando às cegas na direção do desconhecido, Tibor gritou: «Pensa positivo, Piroška! Pensa apenas em coisas boas!»

**E**ntre as vítimas do Holocausto enviadas para Auschwitz em 1944, três mulheres levavam consigo um segredo quando passaram pelos portões do infame campo de concentração. Priska, Rachel e Anka estavam grávidas de poucas semanas, enfrentando um destino incerto longe dos seus maridos. Sozinhas, assustadas, e após terem perdido tantos familiares às mãos dos nazis, sentiam-se determinadas em lutar pelo que lhes restava: as vidas dos seus bebés.

Estas mulheres dariam à luz em circunstâncias inimagináveis, com intervalos de semanas entre si. Quando nasceram, os bebés pesavam menos de 1,36 quilos cada, e os seus pais haviam sido assassinados pelas forças alemãs, enquanto as mães se haviam transformado em «esqueletos andantes».

INCRIVELMENTE, PRISKA, RACHEL E ANKA CONSEGUIRAM SOBREVIVER.

CONTRA TODAS AS EXPECTATIVAS, OS FILHOS TAMBÉM.

**NASCIDOS PARA SOBREVIVER, TODOS ELES.**

*Os Bebés de Auschwitz* segue a incrível história das mães: primeiro em Auschwitz, onde sofreram o escrutínio cruel de Josef Mengele, o médico nazi conhecido como O Anjo da Morte, que selecionava as mulheres grávidas à entrada do campo, destinando-as às câmaras de gás; depois num campo de trabalho alemão onde, esfomeadas, lutaram por esconder a sua gravidez; e, por fim, durante a viagem infernal de comboio, que durou 17 dias, até ao campo de concentração de Mauthausen, onde viriam a ser libertadas pelos Aliados.

A biógrafa Wendy Holden descreve toda a história com minúcia, destacando a coragem destas mulheres e a bondade dos desconhecidos que as ajudaram a sobreviver. *Os Bebés de Auschwitz* é um livro comovente e uma celebração da nossa capacidade de amar, ajudar e sobreviver mesmo nos contextos mais tenebrosos.



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.vogais.pt](http://www.vogais.pt)

**v o g a i s**

com todas as letras

20120 editora

ISBN 978-989-8491-53-4



9 789898 491534

História/Memórias